



IDEAL

ORGAN LITTERARIO

ANNO I

Florianopolis, 4 de Novembro de 1906.

NUM. 25

O IDEAL LITTERARIO SEMANAL

Assignaturas

CAPITAL	
Trimestre	2\$000
INTERIOR E ESTADOS	
Trimestre	3\$000
PAGAS ADIANTADAMENTE	

REDACÇÃO

Rua 16 de Abril n. 20

Redactor—Clementino Britto.
Secretario—Godofredo Oliveira.
Thesoureiro—Irineu Livramento

Os originaes devem ser entregues até terça-feira de cada semana.

A redacção não se responsabilisa pelas opiniões emittidas pelos seus collaboradores.

PARASITAS DA IMPRENSA

Prevenimos aos nossos assignantes em atrazo que acha-se encarregado da cobrança o sr. Herodiano Brazinha e os que não pagarem verão, no proximo numero, os seus nomes no Album dos Parasitas da Imprensa.

Não fazemos excepção.

A REDACÇÃO

O DIA DE FINADOS

Nasce a manhã tristonha!

O sol occulta-se, e os passarinhos não cantam. Toda a natureza envolve-se n'um véo taciturno. Os sinos começam a dobrar, annunciando aos fiéis o dia de finados!

Dia cheio de recordações para aquelles a quem a morte roubou, para sempre, de seus lares e de seus affectos os entes que idolatravam! N'esse dia, todos vão em romaria, ao cemiterio levando, grinaldas de flores e bouquets, para depositarem lá no frio marmore, como tributo de gratidão, aquelles que dormem seu ultimo somno. A brisa passa levemente sobre os cyprestes. Vem-se as tumbas todas cobertas de flores e as cruzes enleadas de crepes! As lagrimas, dos paes ou irmãos que levam a lapide dos sepulchros d'esses entes queridos, são como perolas,

symbolo da humilde prece que se desprende d'aquelles angustiados labios!

Depois, todos tornam a seus lares, deixando o cemiterio em profundo silencio. Nem mais uma lagrima, n'aquelle recinto se encontra! Desce a noite, e a Lua vem illuminar, com seus raios, as tristes e mudas sepulturas! As estrellas apparecem no firmamento, qual olhos de anjos, deitando para os mortos um lampejo de sua luz divina! E lá permanecem os mortos no seu somno não interrompido. Paz ás suas almas!

GLORIA SILVA

FINADOS

Cessa toda a alegria. Em cada peito palpita um coração tristonho, todo voltado para o passado, recordando, ou a agonia lenta de um ente querido, agonia que nos fez exgottar até as fezes o calix do desespero, ou a estolida nova do passamento de uma pessoa cara, lá muito longe onde não podiamos, levar as benditas palavras de conforto, ungida de dor e de coragem—que no ultimo momento consolam os moribundos, fazendo reviver o rasteo luminoso, a via limpida da honradez que percorreu, legando por tal facto á sua prole um nome são; emfim, em todos paira o tédio com suas azas negras, qual fatidico corvo, evocando cada um: uma scena tocante que arranca lagrimas sentidas; pois as lagrimas são o apanagio da dor.

Amanhã, seremos nós os chorados e quantos não irão allucinados, pedir gennuflexos ao Deus das Alturas que nos conceda um lugar na communhão dos bemaventurados.

Esse 2 de Novembro é tão luctuoso que até a natureza parece associar-se-lhe...

Afigura-se-nos toda ella coberta de crepe:—o sol, tem umas reverberações baças, um brilho mortico; o mar, agita-se n'um marulhar lugubre, parecendo n'esse bramido tenebroso ter attingido ao paroxysmo da dor, e, de quando em quando, como lagrimas oriundas dos olhos de Deus, cahem sobre a terra em aguaceiros.

A respeitosa romaria ao Campo Santo cujo objectivo é ver o sarcophago

que avarentamente guarda um corpo que, ao relembrarmol-o nos quedamos pezarosos e lêr um epitaphio que denota a presença de um ente que se fez respeitar, ou pelo seu profundo saber, ou pelas suas elevadas virtudes; a romaria em que todos vão trajando vestes escuras, agourentas, ainda mais nos confrange, nos tortura o coração.

A morte é o prologo da vida—disse um poeta. Pois bem, si assim é; si além tumulo uma outra existencia nos espera—cheia de glorias, de vividos fulgores; si esta nossa passagem pela terra nada mais significa do que uma peregrinação, para que nos purifiquemos; si nada mais somos que uns desvairados prenhes de presumpção e de orgulhos ficticios,—nossos entes queridos que usufruem as delicias de ter logrado um lugar no convívio dos justos, que intercedam por nós e nos guiem n'esse valle de lagrimas, mostrando-nos o caminho que leva á santa paz do Senhor.

Todavia, como não nos assiste o direito de levantar o reposteiro que venda os mysterios de Deus,—prestemos nosso preito de reconhecimento aos que foram nossos timoneiros, ensinando-nos a balbuciar as primeiras palavras, pois que a isto nos induz o coração, obrigando outrosim que de joelhos nos rogemos ante o tumulo guardador dos seus despojos, pedindo ao Omnipotente absolvição para os erros que accidentalmente commetteram.

XISTO XIMENES

SILHUETA

VII

SENHORITA O. P.

Difficil, bem difficil mesmo, se torna para Fux a publicação da SILHUETA da galante senhorita O. P., uma das mais encantadora figura de nossa ÉLITE; difficil, diziamos, porque sentimo-nos fracos para dar a graça e belleza de que é possuidora, difficil, finalmente, porque por mais forte que seja a penna do CHRONISTA, não poderá descrever fielmente os encantos, a sua belleza diamantina de um porte airoso, seductoramente bello. Vamos entretanto tentar fazel-o, porque seria ingratidão se a nossa galeria não possuísse a sua Si-

LHUETA. Permitti, pois, senhorita, que offerte aos leitores d'O IDEAL o vosso busto, como presente de subito valor:

Estatura regular, rosto redondo, morena, mas um moreno de jambo; olhos grandes, capazes de prenderem a qualquer mancebo, ainda mesmo descrentes do amor! São verdes, de um verde claro purissimo. Cabellos pretos bem pretos mesino, collocados em esculptural cabeça e em bem feito coque, repartido graciosamente ao centro, onde costuma collocar uma linda rosa! Graciosa bocca, pequenina, perfumosa, e sempre com o sorriso nos labios, deixa ver duas linhas de alvissimos dentes obturados á ouro. Corpo esbelto, magro e graciosamente delgado. Amavel e dotada de extraordinario desembaraço: não conhece a vaidade, tão propria em moças bellas! Costuma passear pelas bandas do norte e ao voltar a gentil senhorita traz consigo a mais apurada moda, pois, traja-se com muito gosto e grande elegancia.

Frequenta os principaes salões e dança maravilhosamente bem. Convém dizer que a gracil senhorita em questão, não sei como descobriu que pretendiamos dar seu PERFIL, pois, ao tiral-a para uma walsa, pediu-me que não consentisse na publicação do seu perfil, que rogasse em seu nome ao supposto FUX para que a deixasse em paz, que não queria ser victima de DEBIQUE! Peço-lhe senhor que me attenda, sim!

Prometti-lhe não consentir na publicação de sua primorosa SILHUETA e... eis cumpri-la a promessa!

Desculpae, senhorita, não podia ser de outra maneira.

Direi para terminar que, apesar de lhes chamarem PIRACURUCA, sei que não nasceu Piahy, mas sim em nossa catita Florianópolis.

FUX

PERFIL

VII

A. T. DE S.

Vamos hoje publicar o perfil de um sympathico joven, o que hamuito já deviamos ter feito; a falta porém de alguns dados obrigava-nos a retroceder, como muitas vezes, aconteceu quando tentavamos esboçal-o. Agora, porém, que temos vivido na intimidade, agora que somos conhe-

cedores do seu intimo, podemos mais facilmente descrevel-o, embora para isso seja necessario descobrir alguns segredinhos seus e que só tem por confidente cá o seu amigo FUX.

Vamos, pois, tratar por alguns minutos da personalidade do grande heróe do amor:

Rosto comprido, moreno claro, nariz aquilino, olhos azues, buço, bocca regular, cabellos castanhos, usando-os em topete e repartido quasi no centro de sua cabeça comprida, em forma a Santos Dumont.

Altura regular, corpo bem feito, com a cabeça baixa deixando formar corcunda e andar aos pulinhos com semelhança a tico-tico; bengalinha segura no centro com dous dedos apenas, capote cor de cinza, em dias de calor, vemol-o passar sempre ás 10 horas em direcção á Alfandega, onde é empregado.

Joga admiravelmente bilhar motivo porque lhe é difficil arranjar parceiro, pois, além de tudo é um felizardo e rarissimas vezes perde.

Tem porém ao jogar um defeito que por vezes tenho lhe chamado attenção: é fazer caretas quando puxa uma bola! Admiro-lhe a elegancia quando joga com o pé levantado atirando-o para frente.

Foi noivo; hoje porém segundo diz ESTÁ DEVOLUTO E QUEM CAHE NA REDE É PEIXE! OLHEM, AINDA HONTEM NAMOREI A CINCO MENINAS CADA QUAL MAIS BELLA E SEDUCTORA! Quando sabe que somos visitados por alguma moça o grande heróe apresenta-se logo candidato e desde que se offereça occasião faz-lhe declarações estupendas, sabindo quasi sempre victorioso.

Anda actualmente com certa mania de molestia não sei de que, e nervoso como é metteu-se na cabeça que só São José, com seu AR PURO poder-lhe-ha dar cura. Consta-me, porém, que sua viagem á São José, onde se acha, é devido a certa senhorita que ali reside e que lhe preoccupa a imaginação. Oh! É BELLA! É LINDA COMO OS AMORES!

Diz-me elle em carta ultimamente recebida.

Esquecia-me de dizer-lhes caros leitores que o impagavel josephense pertence a certa trempe que aqui existe e cujo principal fim é degollar aos constantes.

Gosta immensamente de charadas e collabora em O IDEAL, n'essa secção com a assignatura de DECYLAS. Segundo me consta escreveu um unico artigo e por signal muito bom, com assignatura de Cid'Adão. Implica com as crianças quando chamam-lhe —CIDINHO!

E' sincero, franco e leal.

HEI-DE NAMORAR AQUELLAS, CUSTE O QUE CUSTAR!

E assim fallando lá ségve elle de braços dados ao Gastão que tambem é gráudo.

FUX

RECORDAÇÕES

A' N..... C.....

Oh! que vida que passo nesta triste solidão, sem ter um coração que escute as minhas queixas.

Foi n'uma tarde em que a brisa suave passava de manso agitando as folhas dos arvoredos, e os passaros cantavam um saudoso hymno saudando o crepusculo da formosa tarde, sim, foi n'essa tarde que tu estavas, linda, sentada debaixo de uma grande arvore.

Oh! como estavas bella! os teus cabellos cahiam sobre as espaldas em fartos anneis; os teus olhos pretos e suaves tinham o brilho das estrellas que scintillam no céu em noite de luar formoso; quando rias mostravas os teus alvos dentes, brancos como a neve...

E eu te amava tanto que nem saberia explicar esse amor que apoderou-se do meu coração...

Depois, não pude resistir mais: corri para ti e cahi de joelhos; tomei as tuas delicadas mãos entre as minhas, beijei-as e jurei que te amava, que estava louco por ti, que só tu poderias dar-me vida!

Que hora bendita para mim, para o meu coração, estando de joelhos aos pés da mulher que amo com toda força de minha alma.

Já não soffria tanto, porque achei na estrada da minha vida um anjo que deu alento ao meu coração...

Agora tenho saudades d'aquella formosa tarde em que as tuas palavras davam-me vida...

E foi assim que te amei, n'essa formosa tarde, em que os passarinhos cantavam um melancolico hymno saudando o crepusculo da tarde.

SEMPRE-VIVA

FORTE DA HUMANIDADE

AO PORTA JAYME LESSA.—SOBRE A SUA POESIA—*SURDINA DOS INFELIZES*.
—COM A MESMA METRIFICAÇÃO E AS MESMAS RIMAS

Ninguém sabe? Ninguém? Ella talvez o saiba,
E contemple, a sorrir, o quanto soffres,—quanto!
Em si, talvez, quem sabe? de jubilos não caiba,
Vendo assim deslisar o teu amargo pranto!

Sentes um frio n'alma... E' doloroso o inverno:
Mata, sem compaixão, o passarinho implume;
E' dos jardins em flôr o mais horrendo inferno,
Pois que deixa os jardins desertos, sem perfume!

A vida é mesmo assim... Hontem—tudo sorrisos...
Si a vida fôsse sempre igual... oh! Deus! quem dêra!
Certo não haveria instantes indecisos,
E brilharia sempre a doce primavera!

Hoje—anceios de dôr... medonhos pesadelos...
Ou o pranto a molhar olhos febris, sem somno...
Sonhamos... e a sonhar ficamos sem cabellos,
Quando chega a velhice—o nosso triste outomno!

Felizes ha no mundo, e muitos desgraçados
Que passam a existencia em temporaes medonhos...
Emquanto fazem uns—reaes, bellos noivados,
Outros—noivados vêm em passageiros sonhos!

Chamamos o homem—rei da bella criação,
E do throno feliz queremos estar perto...
Mas... illusão fallaz!...—deserto um coração,
E' sempre, sempre, sempre—um coração deserto!

E a vida vai passando em mil loucos desejos...
A vida! a vida!... ai! céos! não ha que fiar d'ella...
Tudo vem, tudo acaba:—os saborosos beijos,
As rosas de carmim da mais linda capella!

A vida é uma illusão,—doce illusão querida,
E d'ella dou-te aqui apenas um resumo...
A vida começou,—hade acabar a vida,
Nos mares da incerteza a navegar sem rumo!

28—X—1906.

O BAILE

(EM RETRIBUIÇÃO)

Ao Notolosto

Era noite de baile... O palacio
estava ricamente enfeitado, lindos
florões ostentavam-se magestosa-
mente em todas as salas, ao fundo via-
se uma estatua, sobre uma columna
de bronze, que representava a Noi-
te.

O jardim era um paraizo.

O clarão suave da luz dava um
aspecto deslumbrante a essa encan-
tadora festa. As magnolias deixavam
entreabrir suas delicadas petalas para
derramar seu doce perfume e ser
completa essa festa intima.

Vinham chegando os conyixas:—
linhas damas com vestuario de gosto

aprimorado, trazendo o peito pesado
de brilhantes que fascinavam os olhos
dos fidalgos, que orgulhosos fictavam
essas encantadoras fadas.

Reinava em todo o salão o mais
profundo silencio, quando, de repen-
te, fez-se ouvir um grande grito do
lado do jardim, e no mesmo instan-
te appareceu á porta do palacio um
vulto de mulher trajando um ves-
tuario pobre sustentando nos braços
nús um innocente.

Todos, como admirados, olhavam
para essa mulher, que trazia nas fa-
ces a pallidez dos mortos. Depois de
alguns momentos, ella, fictando essa
multidão de fidalgos, disse:

— Vós que tendes neste instante
os corações repletos de encanto, no
meio desta opulencia maldita, que

calca aos pés a pobreza que morre a
fome, vós, fidalgos, que deveis ser
os primeiros a soccorrer os necessi-
tados, vós sois os primeiros a dar a
desgraça em vez da felicidade.

Olhai para essa multidão de po-
bres, que, desgraçadamente, não
tem um protector que lhes leve o
basalmo da consolação...

Muitos d'esses pobres tambem já
gosaram, talvez, no meio da opulen-
cia, e hoje nada tem, tendo apenas
por manto o azul do céu e por des-
canço o leito das estradas.

Em primeiro lugar, enxugai as
lagrimas amargas da pobreza, se
quereis que a vossa festa seja reple-
ta de felicidade... Si assim não fi-
zerdes, será ella maldita!

Vamos, felizes do mundo:

— Uma esmola para matar a fo-
me de meu filho!

CHRYSOTHEMIS DA SILVA

28—10—1906.

No concurso charadístico, aberto
pelo ALMANACH DE LEMBRANÇAS LUSO-
BRASILEIRO de 1906 occupou o se-
gundo lugar um enigma do nosso
distincto collaborador sr. H. Nunes,
publicado á pagina 144 do mesmo
ALMANACH, sendo opinião de um dos
membros do jury, o sr. Miguel A. de
Oliveira, de Jaboatão (Pernambuco)
que esse enigma devia ser classifica-
do em primeiro lugar.

O que fica exposto encontra-se á
pagina CXXII do ALMANACH para
1907.

Album de postaes

Ao sr. JOSÉ G. PORTELLA

As creanças são pequenos colibrys
que adejam nos jardins purissimos
dos seios maternas.

Ao CLETO BARRETO

A escola é o mar immenso, o pro-
fessor é o pharol que o irradia.

A' SENHORITA AMBROSINA P.

A sympathia é o orvalho que faz
brotar no jardim do coração a flôr
purissima do amor.

A' SEMPRE-VIVA

O coração é o tabernaculo do amor,
a vi. tude a flôr d'alma.

Ao ALVARO SOUZA

A constancia é o laço que prende
dous corações que se idolatram.

Ao LUIZ DENTICE JUNIOR

A gratidão é a mais sublime pro-
va da amizade sincera.

Ao JOÃO MARIA

A voz da razão é um punhal que
fere os condemnados.

A. RAMALHO

EPITAPHIO



Nesta tumba colossal
Que de longe bem se avista,
Jaz Decylas charadista,
Assignante d'O IDEAL!

G. de Bruxellas

SECÇÃO CHARADISTICA

(CONCURSO DE OUTUBRO)

CHARADAS NOVISSIMAS

Ao PEDROCA (em retribuição)

Na embarcação o homem seguiu
para a povoação portuguesa—2, 1.

Grande villa vi na cidade—1 2.

Adnon

Ao AMIGO ADNON

Elle affirma que esta ferramenta já
é a terceira que traz o appellido deste
general,—1, 1, 1, 2—e você nega, di-
zendo que é a primeira, mas não é
admissivel—3, 1.

G. de Bruxellas

Uma ou duas vezes encontrei a
ave—1, 1.

Plutão

AUXILIARES

Vito—villa.
Rano—lago.
Garó—rio.
Homem.

Adnon

Ao DANTE

Da—mulher.
Na—mulher.
Lia—mulher.
Mulher.

Mara—fructo.
Loca—appellido.
Cra—quadro.
Rio.

To—animal.
To—homem.
Sa—mulher.
Homem.

Galba

Ao MARAJÓ

02.

Rio.

Gaio

To--ave.
To--animal.
Tal--cidade.
Estado.

Celta

ANTIGA

Ao SILVERIO MORENO

Lá na Grecia é que se encontra—2
A correr por entre o matto,—2
Um bichinho como o gato
Que este homem diz ser lontra.

G. de Bruxellas

ART-NOUVEAU

Ao G. DE BRUXELLAS

....A..
..M.....
..O..
..R...

Flôres.

Nina

..P....
..L....
..U....
..T..
....A..
....O

Deuses.

Caboclo

C.....
..A..
...B....
..O..
C.....
.....L..
..O.....

Flôres.

..S..
..A..
..U..
..D....
..A..
..D.....
..E...

Nomes de mulher.

Dario

ENIGMAS

O animal foi na embarcação á vil-
la.

Fiz uma viagem á antiga cadeia de
montanhas.

Plutão

621.
Manha.
5111.
Zombaria.

5016.
Calha.

Pedroca

1111.
Animal.

LOGOGRIPOS
POR LETTRAS

Ao JOÃO MARIA F. DA SILVA

Uma vez o bom do Fritz
Na cachaça já um pouco,—7,5,6
Quiz raptar a rapariga—1,2,3,4,8,3,4,8
Que elle amava como louco.—1,8,6,5,8,3,*

Mas o pae da dita cuja—8,6,6,8
Que já estava prevenido,
Uma surra deu no Fritz
Que o deixou bem contundido!

G. de Bruxellas

Em alfaias... tem-n'as boas—6,8,4,7,11
Só é bom com situações—8,5,11,3,6
Mande que é peixe gostoso—2,6,5,8,11
E mulher de tentações.—3,11,5,9,6
Rica moça, na verdade—8,6,5,9,11
Adorada a mais não ser—7,9,10,8,11
Lábia... fala astuciosa—7,1,5,9,6
Deusa que dá gosto ver—8,9,11,10,6
Iman que attrahe e seduz—11,7,9,10,6
Não te cances: tens a esquerda
A chave... chave de truz.

Manecão

NORMANDO

Ao TENENTE POMPEU

Flôr.
Flôr.
Titular.
Flôr.
Puro.

Charadista.

Zeca

DECIFRAÇÕES

As do n. 24, são: Bernardo—Para-
clito—Marselheza—Horta—Aucuba—
Batoca—Marsopa—Cachia—Chárea—
Mucajá—Chiote—Sorata—Antenor—
Anceu—Mansarda—Umbelina—Paula,
Amelia, Adelina, Maria, Carolina, Fran-
cisca, Paulina,—Manecão, Adnon, Zé
Raphael, Andiro, Jacy, Ottirb—Omar
—Missa—Icó—Breu—Mó—Faa—Pei-
xe.

Decifraram: Senhorita Celia, 23; sr.
Ottirb, 23.

RESULTADO

(CONCURSO DE OUTUBRO)

Senhorita Celia, 70; sr. Ottirb, 68.

NOTAS

Acha-se a disposição da senhorita
Celia o premio correspondente ao con-
curso de Outubro do qual foi vence-
dora.

Continúa a disposição dos srs. chara-
distas o logogrifo, cuja decifração é
uma phrase latina, publicado no nosso
n. 8. O autor offerece um romance ao
primeiro decifrador.

Calvoiro